Introdução a fenomenologia

Toda a filosofia contemporânea está mergulhada em ideias primárias que raramente são tocadas, exceto por um pensamento mais profundo que deseja examinar a verdade que existe por trás dela, e se de fato, há verdades que estejam ocultas e se é possível desvela-las.

Primeiro examinemos a própria ideia do que seja uma ideia e partindo da filosofia clássica, encontramos a palavra “eidos” da filosofia grega, Platão descobriu que ao aproximarmos das coisas é preciso reconhecê-las e isto acontece a partir dos seus aspectos, de sua aparência, mas que devemos caminhar para encontrar sua essência.

Assim na filosofia grega, embora Parmênides tenha enunciado que o “mundo sensível é uma ilusão” então tudo o que existe são ideias, e embora isto possa ser considerado como dar um sentido ao que se deseja reconhecer aproximando das coisas, para ele permanece a ilusão.

Então separamos três caminhos aquilo que aparece ou parece, permanecendo como ideia do sujeito sobre aquilo ou subjetivismo ou aquilo que está no objeto e lhe é próprio como objetivismo do qual o sujeito pode apenas “falar” e “ter ideia”, ou um terceiro caminho que é o do “fenômeno” que significa aquilo que *se mostra*, e não apenas *parece* ou *aparece*, em linguagem religiosa podemos chamar de *epifania*: manifestação ou algo que se mostra, assim ligou o método fenomenológico também ao mistério.

A primeira questão antes do método fenomenológico é então: o que e como algo se mostra?

Quando dizemos que alguma coisa se mostra, estamos dizendo o que é ao ser humano, às pessoas e isto é fundamental, porque este mostrar-se ou manifestar-se é fundado no Ser.

Em toda a filosofia sempre se deu importância àquilo que se mostra no mundo físico, assim quando dizemos coisas dizemos do mundo físico, mas as abstratas e aqui podemos colocar as ideias no sentido também de coisas ou objetos, também são coisas e são justamente às que podemos reconhecer melhor, pois somos nós que emprestamos sentido a elas.

Dois exemplos bem claros: república – a coisa pública criada na antiguidade clássica, e mesmo no dualismo radical de René Descartes ele o divide em coisas: res-extensa, a coisa não pensante e res-cogitans, a coisa pensante, e até Deus como res-divina.



 Figura 1 – Sujeito e objetos (coisa – “res”).

2. O método fenomenológico

Assim todas as coisas que se manifestam a nós, trataremos como fenômenos, pois conseguimos de alguma forma dar-lhes um sentido, mas o importante ao pensar em um método não é fato de dar sentido, mas que isto possa nos fazer compreender a coisa.

O caminho ou o conjunto de operações que fazemos para chegar ao conhecimento, que consiste em dar sentido, identificar os fenômenos e saber como eles se manifestam.

Husserl e pensadores que sofreram sua influencia, não explicitam isto como um método mas como um caminho que devemos fazer, isto é compatível com a palavra método que significa “meta” como por meio de e “odos” que significa estrada e caminho.

Pode-se distinguir em *duas etapas* (HUSSERL, 1992): a busca de sentido eidético aos fenômenos e como o sujeito busca sentido através da redução transcendental.

Como já afirmamos Eidos pode ser tanto ideia quanto sentido, assim sentido eidético significa que **o Ser pode compreender o sentido das coisas**, porque o sentido é parte do Ser, embora existam coisas que temos dificuldade de encontrar um sentido imediato.

Aqui entra o significado de essência, e podemos captar a essência pelo sentido, então nesta primeira etapa essência é a busca eidética do sentido que se capta ou se intui.

A experiência sugerida por Husserl é alguém bater a mão sobre a mesa (será que é por isto que tanta gente repete este gesto?) identificamos que é um som, todos identificam que é um som.

Aqui ainda é coisa física, mas podemos também sentir dor, sentir amor e todos sabem do que se trata, podemos abstrair e construir uma análise, neste caso mais difícil porém ainda assim todos conseguimos ir até o um ponto essencial, dor e amor são sentimentos conhecidos.

Husserl afirma que para o ser humano é importante compreender o sentido das coisas, ainda que nem todas as coisas adquiram sentido imediato, neste caso permanece a possibilidade.

Husserl identifica entre os sentidos essenciais o de existir, não o fato de existir, mas o sentido de existir, não os fatos enquanto fatos, mas interessamo-nos pelo sentido deles.

A segunda etapa deve responder a pergunta: “Porque o ser humano procura sentido?” e “Quem é este ser humano?” e finalmente: “como é feito este ser humano que busca sentido”.

Aqui entra o ser humano, ou em linguagem filosófica o sujeito, porem não é impregnado pelo subjetivismo, mas justamente “ como” o sujeito se faz uma reflexão, isto é, refletimos sobre quem somos nós, a novidade do método de Husserl é justamente análise partido do sujeito humano, ponto de partida de sua investigação e do seu método como “caminho”.

Vamos pensar que estamos diante de um copo de água, o copo já estava lá antes de vê-lo, mas ainda não tínhamos prestado atenção, para Husserl há dois níveis, já vimos alguns copos antes e não fizemos a reflexão também porque não estivéssemos com sede.

Todos têm a experiência perceptiva do copo que estava em nós, embora o copo estivesse fora, estar dentro significa que percebemos (na CI temos memória, veremos depois com Ricoeur), mas o ato perceptivo de ver o copo se pode dizer que era um ato formado (*in-forma*).

Temos o *ato de ver*, enquanto *vivemos* o ato, estamos vivendo o copo-visto *dentro de nós*.

Já há, portanto subjetividade antes de fazer a segunda pergunta: quem é este ser que busca o sentido? Assim não é a questão subjetiva nem a objetiva, mas a ontológica.

Aqui começa a segunda etapa, que usando a linguagem filosófica contemporânea pode-se dizer que é o sujeito, mas no sentido fenomenológico é o sujeito que faz uma *reflexão*, eis a novidade de Husserl a análise tem ponto de partido no sujeito, a primeira etapa é *aparência*.

Voltemos ao exemplo do copo de água, que já está dentro de nós, depois de darmos o passo de prestar atenção que ele estava lá, agora tenho sede ou outro estímulo para fazer a reflexão, mas por alguma experiência anterior já sabíamos que era um copo.

Todos tinham a *experiência perceptiva* do copo, mas estava fora, agora está dentro do Ser.

Sabemos que o copo existe, ele está dentro, agora vivemos a experiência do ato perceptivo e podemos perguntar do que é formado este ato, sabemos que esse ato perceptivo ali diante dos olhos enquanto coisas físicas fora, percebidas dentro, viveram o copo-visto dentro de nós.

Podemos agora viver a experiência de tocar, beber, mas isto é possível porque já está dentro o sentido, existe uma distinção entre a coisa toca fora e a que tocamos porque estamos entrando no território do Ser humano como território do **conhecimento**, o que significa que tendo conhecimento das coisas dentro-fora podemos ter intenções sobre o ato perceptivo.

Como Husserl se interessou pelo ato perceptivo? Foi a partir da matemática, mais precisamente a aritmética, foi, por exemplo, saber que existem seis copos e não um, fez uma tese de doutorado na Universidade de Viena, em 1882, sobre o cálculo das variações.

Ele tentou responder partindo de uma reflexão interior, não apenas matemática, e sem ter frequentado uma escola de filosofia, fazendo a reflexão como matemática, isto é muito importante, porque pode-se pensar que seu recurso foi um cálculo, mas não foi.

Em estudos posteriores, Husserl procurou responder as perguntas: seis como, como sei que são seis ? portanto não é o fato matemático, mas diríamos o aritmético um e seis.

Foi lecionar em Halle e Göttingen, na Morávia, as duas mais importantes universidades alemãs, e ali havia um professor universitário importante chamado Franz Brentano, especialista em filosofia de Aristóteles, e suas aulas sobre os *atos psíquicos* eram frequentadas por Husserl.

Foi frequentando as aulas de Brentano e que abandonando o projeto da Aritmética para o que é o c*onhecimento* humano e recomeça seu projeto **pela *percepção***, tema fundamental em todo o racionalismo, destacando como estamos em contato com o mundo físico pelo sentido.

A percepção é uma porta, a forma de ingresso, uma passagem para entrar no sujeito (ou no Ser, mas este termo será usado mais tarde), para compreender como é que o ser humano é feito no contato com as coisas.



Figura 2 – Percepção, o ser que dá sentido e o conhecimento humano.

Dos atos perceptivos à consciência

Devemos entender sentido, não como duas percepções particularmente objetivas, como a visão e o tato, seja a sensação visível como a táctil vividas por nós, o que é esta vivência ? Quer dizer registramos a partir de nossa capacidade imediata como acesso direto à consciência, que é onde registramos estes fatos, para muitos animais também o faro e para um maestro também o ouvido, mas o que registramos é um “ato” e ter consciência destes é uma novidade.

Sabemos que estamos realizando atos em relação a algo quando tocamos, vemos, ouvimos ou sentimos o cheiro, mas e quando este acesso não é direto ? aqui podemos voltar ao número, o exemplo de Husserl é o da folha de papel, que remete ao ato de ler ou escrever, quer dizer nela podemos ver ou escrever algo que já está em nossa consciência.

Mas devemos perguntar que nível de consciência é o dos atos perceptivos, e um segundo nível de consciência que é o nível dos atos reflexivos.

Para ir do ato perceptivo a consciência devemos penetrar na sua obra essencialmente filosófica que é “A Ideia da Fenomenologia” (Husserl, 1990), que o nome completo seria Ideias relativas a uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica, obra realizada em 1913.

A palavra “fenômeno” que vem do grego *phainomenon* (do grego, o que aparece ou se manifesta) é para a fenomenologia tanto o que aparece quanto o ato de aparecer, que se dá como ato perceptivo no sujeito, assim é a “relação indissociável entre sujeito e o mundo, a consciência e seus objetos” (Huserl, 1990, p. 35).

Retomemos a ideia do copo, se sentimos sede o impulso em direção ao copo é interno e está no nível do ato perceptivo, o impulso de ir em direção ao copo e beber a água é relativo a algum registro anterior, devemos retirar líquidos da frente de uma criança ou um animal porque não fará a reflexão se aquilo é ou não uma água, tem sede irá beber se o líquido “lembrar” algum ato perceptivo de já ter bebido água em um copo ou vasilha.

Podemos neste caso fechar os olhos e tocar o copo, ainda teria o recurso do cheiro, mas qual o cheiro de uma água, uma água pura, dizem, é inodora então podemos estar bebendo qualquer coisa podendo não ser uma água, isto significa, que há um ato de reflexão que é um percurso maior que o simples impulso de beber o líquido que está num copo.



Figura 2 – Percepção, ato perceptivo e reflexão.

Todos estes atos para a fenomenologia são atos conscientes, mas o que é consciência.

Da consciência aos atos conscientes

O tato é o sentido mais importante em absoluto, segundo Husserl, porque está num limite do corpo dando a sensação do que é interno e externo, basta pensar nos primeiros instrumentos de trabalho humano e também no fato de contar e contamos até 10 por causa das mãos.

Não é discurso de Husserl, mas poderíamos pensar a *techné* a partir disto, claro no sentido da antiguidade clássica habilidade técnica, ofício e arte.

É o tato que nos dá a sensação que o nosso corpo é sensível ao mundo externo, a visão o orienta, e pela audição, o olfato podemos dizer que temos um corpo.

Porém diferentemente agora desta análise dos sentidos, limita, pois ela apenas nos dá a possibilidade de perceber o mundo externo, partimos agora dos atos, no nosso exemplo perguntaríamos o que é o ato de ter sede ? e orientar nosso corpo para pegar o copo ?

Husserl e seus sucessos vão tratar isto como corporeidade, em especial Merleau-Ponty em a Fenomenologia da Percepção (1999) que vai tratar disto de modo sistemático, Husserl conclui apenas dizendo que temos um corpo baseado na análise dos atos registrados por nós.

Deste ato perceptível que podemos tocar e ver a “coisa” sujeita a consciência a partir do registro de seus atos perceptivos.

O momento preliminar da corporeidade é aquela da constituição do ser que localiza o objeto físico no espaço e estabelece o limite do corpo, o fato que um adulto faça pouco isto, embora o faça muitas vezes para as sensações de textura e temperatura por exemplo, é porque desde criança testamos esta corporeidade e ela já está presente na reflexão e na consciência.

Nós não refletimos o tempo todo sobre os limites do nosso corpo, porém temos consciência dele, embora não levemos isto sempre, percebemos um automóvel e nos desviamos dele, mas pode ser que alguém profundamente imerso na sua interioridade não o perceba.

Podemos ter noção de nossa corporeidade porque não existe somente interioridade e exterioridade, mas existe um terceiro momento do registro dos atos e isto é a **consciência.**

Neste ponto identificamos outros atos que não são de caráter nem psíquico, que manda o impulso de beber, nem corpóreo porque o manda a mensagem de beber e ainda não pegamos o copo, avaliamos se ali tem água e se aquilo (a coisa) é para beber, é um **ato de controle**.

Este ato de controle que não é nem de ordem psíquica nem de ordem corpórea, é o que nos envia a outra esfera, a que a fenomenologia vai chamar de esfera “do espírito”.



Figura 3 – Sentidos, atos corpóreos, de psíquico e de espirituais.

Consciência e estruturas universais

A novidade da abordagem fenomenológica de Husserl é a consciência, e consciência de “algo”, não uma estrutura abstrata, esta é a ruptura com o idealismo e o empirismo.

Agora a pergunta é a consciência está no espírito ? no psíquico ? no corpóreo ? estas perguntas embora estejam nos limites do essencialismo, é a que nos remete ao Ser, ainda que não penetre na sua “existência” isto é o que nos faz seres humanos, mas não o que “somos”.

Somos conscientes que temos uma realidade corpórea, uma atividade psíquica, e que registramos ou re-“presentamos” atos, mas o que é esta representação, o que é espírito ?

O que quer dizer exatamente ato de percepção ? poderíamos definí-los de modo “puro” ? O que significa perceber, em relação a recordar ou imaginar, aqui está algo importante ...

É possível pensar em atos em sua pureza? Isto quer dizer ato de percepção, de avaliação, pois de reflexão com certeza não significa.

Husserl usa um exemplo simples, o ato de ver, a sensação é a visão, então temos **consciência de ver**, mas se for um livro ao ler ele se encontra dentro e enquanto existente está fora. É um exemplo muito significativo para a área da Ciência da Informação, então façamos com calma.

Se o livro está na biblioteca, está fora do nosso campo de visão, onde ele está ? Se podemos falar deste livro é porque ele está presente em nossa recordação (para o filósofo Paul Ricoeur memória e reminiscência-recordação não são a mesma coisa), o livro não está presente perceptivamente, neste momento o ato de percepção não nos dá o livro, mas podemos falar do livro, isto é o que Husserl chama de **ato universal**.

Percebo o livro e posso me recordar dele, então imediatamente sei a diferença, intuo de súbito e vou do sentido de perceber ao de recordar (para Ricoeur **ativo a memória**).

Há um terceiro campo, entre a recordação (memória) e a percepção (reminiscência) que é o da imaginação e é um ato diferente de perceber e recordar.

Podemos ainda necessitar de analisar pelo fato que ainda não vivenciamos, não é nem recordar, nem perceber e nem imaginar.

**Perceber** é o ato que se dirige ao objeto físico, concreto, que está diante de mim, primeira estrutura universal os **atos perceptivos**.

Se chegasse nesta sala uma pessoa muçulmana, ela não nos entenderia, mas teria lembranças.

Ela ativaria sua atenção, e nós a nossa, este esta atenção seria **um ato psíquico**, sem decisão.

Este nível psíquico pode ser de atração ou repulsão, é o que temos diante do “novo”.

Após esta atração ou repulsão, teremos uma aceitação ou não, isto é só um exemplo, podemos usar o exemplo de uma fantasia qualquer, no campo da imaginação, quero seguir esta fantasia ou rejeitá-la, no campo da escuta vou ouvir ou vou me distrair, tudo isto está no campo que Husserl chamou de espiritual.

Seguindo seu raciocínio isto acontece assim, sempre temos motivos (intencionalidades), mas o que compõe os atos psíquicos é o universo da motivação e a motivação implica em espiritual.

Esquema proposto:

Atenção como ato involuntário diferente de ato psíquico

Atenção como ato voluntário diferente de ato espiritual

Voltando ao nosso exemplo de beber um copo de água, quando a pessoa pega o copo de água ainda que tivesse sede, ativa a capacidade espiritual, de intenção e avaliação. Qual é a motivação? Do ponto de vista social pode ser oportuno ou não se só há um copo de água, mas uma criança pequena beberia pois está com sede. Porque ? porque ainda não ativou o controle do posso ou não posso fazer isto, não passou do ato psíquico ao espiritual. Isto acontece em todas as culturas, a muçulmana também poderia beber ou não o copo.

Interessa agora avaliar como estes atos podem se encontrar em estruturas universais.

O objetivo de Husserl aqui é observar que a análise da atenção passa por diferentes níveis: percepção, recordação, imaginação e fantasia.

Estes campos permitem a análise que podem permitir uma atenção como ato psíquico ou como um ato voluntário, o ato psíquico sempre tem uma motivação, isto é intercultural e favorece a discussão que interessa a ele de procurar estruturas que sejam universais.



Figura 4 – Percepção, Recordação, Imaginação e Fantasia – Atos voluntários e psíquicos.